

# A poética da catimba: poesia e futebol

Adilson Citelli

*Professor titular no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP.*

*E-mail: citelli@uol.com.br*

Thiago Muniz Garcia

*Graduado em Letras pela FFLCH-USP e discente de pós-graduação em Comunicação Digital pela ECA-USP. É servidor público da Universidade de São Paulo e assistente editorial da revista Comunicação & Educação.*

*E-mail: tmgthiago@gmail.com*

Às vésperas da Copa do Mundo, a revista *Comunicação & Educação* brinda os seus leitores com uma série de poemas escritos por poetas e letristas amantes do futebol. São cenas de jogos, homenagens a jogadores, críticas e comentários de lances, louvações a gingados, expressões retóricas que marcam o mundo do chamado “esporte bretão”. Nelson Rodrigues, que via em cada jogo de bola o desenrolar de uma luta quase épica, ocorresse no Maracanã ou no campinho de várzea, dizia em registro sinfônico: “Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakesperiana. Às vezes, num *corner* mal ou bem batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural”<sup>1</sup>. Os textos abaixo ajudam a entender como os ritmos desta paixão, à qual não falta a grandeza de uma profetia, a dramaticidade dos eventos trágicos, a se ver a derrota do Brasil na Copa de 1950, até mesmo a interveniência de forças que sequer são deste mundo, penetraram fundamente na vida e na arte do nosso país.

Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: – a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão<sup>2</sup>.

João Cabral de Melo Neto, além de poeta e diplomata, quando jovem foi praticante do jogo de bola. Daí um possível motivo para os poemas dedicados a craques como Ademir da Guia<sup>3</sup> ou ao seu time do coração, América, do Rio de Janeiro.

1. RODRIGUES, Nelson. O divino delinquente. *O Globo*. 18 nov. 1963.

2. Idem. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

3. CITELLI, Adilson. Uma educação poética: João Cabral de Melo Neto. *Comunicação & Educação*, n. 3, v. 12, São Paulo, Paulinas, 2007.

### **O torcedor do América F. C.**

*O desábito de vencer  
não cria o calo da vitória;  
não dá à vitória o fio cego  
nem lhe cansa as molas nervosas.  
Guarda-a sem mofo: coisa fresca,  
pele sensível, núbil, nova,  
ácida à língua qual cajá,  
salto do sol no Cais da Aurora.*

Neste poema, Cabral enaltece a esperança e a resignação do torcedor verdadeiramente apaixonado pelo seu time, e que sonha poder comemorar, algum dia, a vitória que ainda não veio. Ele é preciso ao colocar a expressão "o desábito de vencer", em lugar de derrota. Afinal, deixar de vencer uma partida não implica, sempre, uma derrota; ao contrário, na queda a paixão pelo time pode aumentar. O importante é a enleação do jogo, do mesmo modo como o poeta exalta o processo criativo, e não, imperativamente, o poema em si.

Vinicius de Moraes, um botafoguense fanático, além de haver exercitado a crônica esportiva dedicou poemas a seu grande ídolo: Mané Garrincha. Em seu texto, Vinicius narra com emoção e detalhes a magistral performance desse que foi um dos maiores futebolistas brasileiros.

### **O anjo de pernas tortas**

*A um passe de Didi, Garrincha avança  
Colado o couro aos pés, o olhar atento  
Dribla um, dribla dois, depois descansa  
Como a medir o lance do momento.*

*Vem-lhe o pressentimento; ele se lança  
Mais rápido que o próprio pensamento,  
Dribla mais um, mais dois; a bola trança  
Feliz, entre seus pés – um pé de vento!*

*Num só transporte, a multidão contrita  
Em ato de morte se levanta e grita  
Seu uníssono canto de esperança.*

*Garrincha, o anjo, escuta e atende: Gooooool!  
É pura imagem: um G que chuta um O  
Dentro da meta, um L. É pura dança!*

Neste texto, depreendemos, sobretudo, a forma como Vinícius enfatiza a jogada, em especial o drible. Nota-se como o futebol escapa inclusive ao âmbito do racional e humano – ele “avança”, “mede”, “dribla”, “lança”, mas também “pressente”, ele é “anjo”. A bola, por sua vez, é feliz personificando-se nos pés de Garrincha. Este ganha uma estatura mais que humana, sendo “anjo” e “pé de vento”. A multidão emocionada retira dos lances executados por seu mito das pernas tortas a força da esperança e recupera o sentido da vida. O clímax do fazer futebolístico é descrito como “pura imagem”, e Vinícius, utilizando-se das letras que compõe a palavra gol, refaz os caminhos lúdicos da própria poesia.

Para Drummond, o futebol é acima de tudo democrático e libertário. No poema “Futebol”, ele exalta tais qualidades do esporte que é diversão e entretenimento de todos.

*Futebol se joga no estádio?  
Futebol se joga na praia,  
futebol se joga na rua,  
futebol se joga na alma.  
A bola é a mesma: forma sacra  
para craques e pernas de pau.  
Mesma a volúpia de chutar  
na delirante copa-mundo  
ou no árido espaço do morro.  
São voos de estátuas súbitas,  
desenhos fééricos, bailados  
de pés e troncos entrançados.  
Instantes lúdicos: flutua  
o jogador, gravado no ar  
— afinal, o corpo triunfante  
da triste lei da gravidade.*

Para Drummond, o futebol é mais que a partida no estádio, é diversão em qualquer lugar onde se pratique o jogo de bola. A pelota, como se dizia antigamente, é sagrada, sendo a mesma para todos. Nesse aspecto, o futebol drummoniano tem uma dimensão democrática tanto para os craques como para os pernas de pau.

O poema também humaniza o esporte, corporificando as jogadas não como atos humanos. Drummond não fala diretamente no gol, mantendo o fio narrativo no entretenimento que a bola pode proporcionar, desde a emoção de uma Copa, no estádio, ao futebol de várzea.

Chico Buarque, um fanático por futebol e torcedor do Fluminense, do Rio de Janeiro, coloca o jogo de bola no mesmo plano das artes e das ciências: é pintura, música, filosofia, geometria.

## O futebol

*Para estufar esse filó  
Como eu sonhei  
Só se eu fosse o Rei  
Para tirar efeito igual  
Ao jogador  
Qual compositor  
Para aplicar uma firula exata  
Que pintor  
Para emplacar em que pinacoteca, nega  
Pintura mais fundamental  
Que um chute a gol  
Com precisão  
De flecha e folha seca*

*Parafusar algum João  
Na lateral  
Não, quando é fatal  
Para avisar a fita enfim  
Quando não é  
Sim, no contrapé  
Para avançar na vaga geometria  
O corredor  
Na paralela do impossível, minha nega  
No sentimento diagonal  
Do homem-gol  
Rasgando o chão  
E costurando a linha*

*Parábola do homem comum  
Roçando o céu  
Um senhor chapéu  
Para delírio das gerais  
No coliseu  
Mas, que rei sou eu?  
Para anular a natural catimba  
Do cantor  
Paralisando esta canção capenga, nega  
Para captar o visual  
De um chute a gol  
E a emoção  
Da ideia quando ginga*

*(Para Mané para Didi para Mané  
Mané para Didi para Mané  
para Didi para Pagão  
para Pelé e Canhoteiro)*

A magnitude do drible é a "ideia quando ginga", o jogo "a parábola do homem comum". Ou seja, Chico Buarque organiza uma série de imagens e metáforas visando a exprimir pela aguda sensibilidade a magia do futebol.

Glauco Mattoso utiliza o universo linguageiro do torcedor para compor o poema abaixo, que narra de maneira jocosa situações comuns no futebol e que dão sentido à dinâmica das partidas. O jogo acaba em zero a zero, enfatizando que, no futebol, a maior emoção pode não estar no resultado, e sim no “durante”, no transcorrer da partida.

### **Soneto para o jogo bruto**

*Zagueiro violento, ele é batata:  
carrinhos dá por trás, empurra, soca...  
Feliz foi o cronista que o retrata:  
“pega, em cada enxadada, uma minhoca”.*

*Se falha a marcação com que combate  
um ótimo atacante, ele já troca  
o jogo limpo pelo pau da pata...  
Quem é que, à sua frente, não pipoca?*

*Caído o centroavante, mete a chanca  
na cara do coitado e, na retranca,  
seu time vai mantendo o resultado...*

*Placar que não saiu do zero a zero  
e, como falta um árbitro severo,  
bem alto o zagueirão ergue o solado...*

Nossos poetas boleiros, que brilhantemente ilustram em seus versos esta grande paixão brasileira, parecem concordar que o futebol envolve emoção, catarse, choro, riso, descarga, purgação, performance.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Carlos Drummond de. Futebol. In: \_\_\_\_\_. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BUARQUE, Chico. Álbum: **Carioca ao vivo**. Gravadora Biscoito Fino, 2007.

CITELLI, Adilson. Uma educação poética: João Cabral de Melo Neto. **Comunicação & Educação**, n. 3, v. 12, São Paulo, Paulinas, 2007.

MELO NETO, João Cabral. O torcedor do América F.C. In: OLIVEIRA, Marly de (org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MATTOSO, Glauco. Soneto para o jogo bruto. In: LIMA, João Gabriel de (org.). **Livro Bravo! – Literatura e futebol**. São Paulo: Abril, 2010.

MORAES, Vinicius de. O anjo de pernas tortas. In: \_\_\_\_\_. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. O divino delinquente. **O Globo**. 18 nov. 1963.